

BUENDÍA E BABILÔNIA: CONTRAPONTO PERCEPTIVOS FRENTE AO REALISMO FANTÁSTICO

Aline Pantoja¹(UFPA)
Elizier Santos²(UFPA)
Fernando Maués³ (UFPA)

RESUMO: A forma como as palavras estão dispostas em uma produção literária e o sentido que elas despertam no leitor podem fazê-lo caminhar sobre a obra, a cada travessia de uma página, adentrando as portas do imaginário e, ao mesmo tempo, ofertando ao leitor a capacidade de transitar entre a fantasia e a realidade. Em *Cem Anos de Solidão*, um dos clássicos da Literatura Latino-Americana, Gabriel García Marquez conduz o leitor a conhecer o teor da sua obra através do realismo fantástico, um ingrediente prodigioso da narrativa literária que combina elementos de caráter histórico juntamente a elementos fantasiosos, em uma alquimia tão bem dosada que acabou por elevar o romance do colombiano ao status de paradigma do realismo mágico. Contudo, o que aqui se propõe, baseando-se nas ideias de Tzvetan Todorov, é que este realismo mágico não se restringe à exterioridade que conceitua o Fantástico e o Maravilhoso, mas, sim, é configurado a partir da receptividade das personagens ao extraordinário, por intermédio de elementos e indicações intrínsecas à obra, saltando das páginas à construção conceitual do leitor, não o caminho inverso. Objetiva-se, aqui, discutir não sobre a percepção do leitor diante dos fenômenos “fantásticos” presentes na narrativa, mas a reação das próprias personagens, especificamente de José Arcádio Buendía e Aureliano Babilônia, frente aos episódios sobrenaturais que rondam a aldeia de Macondo, onde é narrada a saga da família Buendía. Estabelece-se uma linha condutora que passa pelo narrador, assim como pelos mistérios, maldições, enfermidades, tragédias e relacionamentos que envolvem as vivências em Macondo, para esmiuçar os sobressaltos das personagens perante o universo criado por García Marques. Enfim, busca-se saber se essa lúdica arte, sob o fio quimérico da linguagem de seu criador, dá voz às suas criaturas para nos responder o que se indaga: o que é fantástico em *Cem Anos de Solidão*?

¹Aline Pantoja. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: aleckpantoja@hotmail.com

²Elizier Santos. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: eliziersanto8@gmail.com

³ Fernando Maués. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: fernando@fernandomaues.com

Palavras-chave: Cem Anos de Solidão. Realismo Fantástico. Estudo da Narrativa.

Ao adentrarmos a narrativa de *Cem Anos de Solidão*, do colombiano Gabriel Garcia Marquez, deparamo-nos com personagens que nos fazem receber e perceber momentos do mundo, de modo extraposto ao nosso conceito de real. A Literatura, aqui, manifesta-se irrefutavelmente à sua maneira prodigiosa em conceber o mundo e considerá-lo como uma representação fiel e eloquente da verdade de um povo. Interessamo-nos perscrutar o verossímil do romance unicamente a partir dele e por ele, quer dizer, mostrar a envergadura de *Cem Anos de Solidão*, considerado como pertencente às narrativas fantasiosas, à luz da fluência de seus personagens e suas vivências, especificamente contrapondo as percepções de José Arcadio Buendía, patriarca da família e Aureliano Babilonia, o último da estirpe existente em Macondo, o que permite reverberar as possíveis discussões no campo da investigação sobre os elementos e as recepções intrínsecas à obra.

A obra de Gabriel Garcia Marquez intitulada *Cem Anos de Solidão* é tida como uma imponente referenciada Literatura latino-americana e, especialmente, para o que é chamado de realismo mágico, realismo maravilhoso ou fantástico. Expressão que se menciona na América Latina com os escritos de Alejo Carpentier em sua obra *El reino de este mundo* em 1949, tendo como principais afluentes as narrativas de Jorge Luís Borges, Julio Cortázar, entre outros. Gabriel Garcia Marquez, em comunhão com estes célebres escritores, consubstancia a Literatura ao sabor do fantástico e, à maneira poética de sua máquina narrativa, oferece-nos com *Cem Anos de Solidão* uma literaria capaz de fecundar entranhas da história, da política e da identidade Latino-Americana, que refletira, em termos estético-culturais, um forte registro de seu povo. O que, para a Literatura Latino-Americana, fortifica raízes e desconstrói generalidades e conceitos que subestimam o fazer literário enquanto expressiva manifestação plural e (re)criadora.

Gabriel Garcia Marquez imprime assim as marcas do realismo fantástico em *Cem Anos de Solidão* juntamente à realidade latina do seu lugar, a realidade latina que o autor mostra vem das consequências das ditaduras militares ocorridas na região além das suas particularidades geográficas. Logo, Macondo nasce e com ela a história da saga

da família, nesse momento, o realismo fantástico é introduzido por Gabriel Garcia Marquez para enriquecer o universo desta obra que deixa de ser uma simples narrativa para se tornar uma confluência da realidade com o real imaginário; retratado nos costumes, momentos e vidas dos personagens.

Pensando nas propriedades sobre o real e valendo-se de embasamentos teóricos como os de Todorov em *A Introdução da Literatura Fantástica*, colocamo-nos precipitados não mais pelas nossas avaliações diante do que está sendo narrado e, sobretudo, pelo que está sendo visto pelos personagens, mas considerar, nesta pesquisa, os personagens José Arcadio Buendía e Aureliano Babilônia como oráculos que nos respondem a afirmar ou não que tal fenômeno seja atribuído ao fantástico:

Úrsula não tornou a se lembrar da intensidade desse olhar até o dia em que o pequeno Aureliano, na idade de três anos, entrou na cozinha no momento em que ela retirava do fogão e punha na mesa uma panela de caldo fervente. O garoto, perplexo na porta, disse: “Vai cair.” A panela estava posta bem no centro da mesa, mas, logo que o menino deu o aviso, iniciou um movimento irrevogável para a borda, como impulsionada por um dinamismo interior, e se espedaçou no chão. Úrsula, alarmada, contou o episódio ao marido, mas este o interpretou como um fenômeno natural. (MARQUEZ, 2007, p.12)

Ressaltamos, portanto, que a narrativa engenhosa e por si só emblemática de *Cem Anos de Solidão*, levanta uma sucessão de significados e nos pede uma reflexão sobre o que é fantástico, atentando para o modo pelo qual a representação – embalada por metáforas, alusões e produtos imaginários – desta realizável maquinaria, reitera e reintegra a absorção dos personagens a receber os fenômenos ditos fantásticos como expressões do real.

A leitura de alegorias que rodam o extranatural em Macondo pode despertar no leitor a dupla percepção do universo engrandecido constituído por Gabriel Garcia Marquez: o repúdio e o fascínio. O primeiro liga-se ao recuo, ou melhor, à incerteza frente ao inexplicável, ao inconcebível; já o fascínio, coloca-se em foco a reação, por vezes sedutora, àquilo que não faz parte do que cremos ser real. A partir disso, portanto, nota-se que o leitor de *Cem Anos de Solidão* está diante do fantástico, pois ao se deparar

com acontecimentos e imagens que beiram o sobrenatural, oscila em acreditar que isso emana ou não da realidade:

O fantástico não dura mais que o tempo de uma vacilação: vacilação comum ao leitor e ao personagem, que devem decidir se o que percebem provém ou não da “realidade”, tal como existe para a opinião corrente (...) O fantástico implica pois uma integração do leitor com o mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o próprio leitor tem dos acontecimentos relatados.(TODOROV, 1981, p. 15-19)

Porém, o foco da perscruta que aqui se coloca é se esse fantástico teorizado por Todorov se mantém na visão de José Arcadio Buendía e Aureliano Babilonia. Este caminho da abdicação de nossa percepção ao dar visibilidade às percepções desses personagens, ganha outra dimensão dentro e fora da narrativa. O sentido que se emprega em *Cem Anos de Solidão*, para nós, leitores, pode se manifestar como insólito, apócrifo, porque o que demarca e fragmenta a vida da família Buendía, está, de maneira evidente, longe da nossa vã filosofia. Mas, deve-se salientar que aos personagens como José Arcadio Buendía uma chuva que dura cem anos, tapetes voadores, máquina da memória e fantasmas passam a ser sintoma possível da realidade. Filipe Furtado autor da obra *A Construção do Fantástico na Narrativa* atenta para o fato de que no fantástico o sobrenatural nasce em espaços cotidianos e familiares. Ou melhor: o que se vê e crê são produtos inerentes à realidade, que estão longe de serem inverossímeis dentro de uma realidade concebível:

Cansou-o tanto a febre da insônia que certa madrugada não pôde reconhecer o ancião de cabeça branca e gestos incertos que entrou no seu quarto. Era Prudencio Aguilar. Quando por fim o identificou, assombrado de que também os mortos envelhecessem, José Arcadio Buendía sentiu-se abalado pela nostalgia. “Prudencio”, como é que você veio aqui tão longe!” Após muitos anos de morte, era tão imensa a saudade dos vivos, tão premente a necessidade de companhia, tão aterradora a proximidade da outra morte que existia dentro da morte, que Prudencio Aguilar tinha acabado por amar o pior dos seus inimigos. Fazia muito tempo que o estava procurando. Perguntava por ele aos mortos de Riohacha, aos mortos que chegavam do vale de Upar, aos que chegavam do pantanal e ninguém lhe fornecia a direção, porque Macondo foi um povoado desconhecido para os mortos até que chegou Melquíades e o marcou com um pontinho negro nos disparatados mapas da morte. (MARQUEZ, 2007, p.118-119)

A recepção de assombro de José Arcadio Buendía ao ver Prudência Aguilar, o qual foi morto por ele, está ligado não à incredulidade em acreditar na existência de seres sobrenaturais, mas na força que esses seres têm, ou seja, José Arcadio Buendía não oscila entre crer e não crer que tal fenômeno seja verdadeiro, o que aconteceria se houvesse o fantástico que Todorov nos indica. Buendía acredita, mostrando-nos que fantasmas podem surgir em seu caminho; fica apenas assombrado pelo simples fato de Aguilar ter percorrido uma longa distância de Riohacha até Macondo para encontrá-lo.

Filipe Furtado aborda o sobrenatural como algo positivo, ou seja, por ser um elemento que não chega a violar a cotidianidade da família, torna-se um elemento coadjuvante ao equilíbrio do que acontece em Macondo e da vida daqueles que nele habitam. Desse modo, a impressão deixada pelo escritor colombiano Garcia Marquez é a de que, ao naturalizar o sobrenatural à vida de seus personagens, aproxima-se da conjuntura da vida em mostrar que consideramos possível tudo aquilo que tem uma amplidão de significados para nós. Isso, ao que se estabelece como alimento, substância nossa existência e nossas crenças ao longo do caminho suscetível de entrelaçamentos e experiências, simbolicamente, transcendentais. E resgata a voz do romance ao promover que, o que seria provavelmente considerado fantástico para o leitor de *Cem Anos de Solidão*, para os personagens é mais uma manifestação sujeita à ação de sentidos do seu próprio ser:

O rapaz que tinha ajudado a missa levou-lhe umia xícara de chocolate espesso efumegante que ele tomou sem respirar. Depois limpou os lábios com um lenço que tirou da manga, estendeu os braços e fechou os olhos. Então o Padre Nicanor se elevou doze centímetros do nível do chão. Foi um recurso convincente. Andou vários dias de casa em casa, repetindo a prova da levitação mediante o estímulo do chocolate, enquanto o coroinha recolhia tinto dinheiro numa urna que em menos de um mês se iniciou a construção do templo. Ninguém pôs em dúvida a origem divina da demonstração, salvo José Arcadio Buendía, que observou sem se comover o bando de gente que certa manhã se reuniu sob o castanheiro para assistir mais uma vez à revelação. Mal se endireitou um pouco no banquinho e sacudiu os ombros quando o Padre Nicanor começou a se levantar do chão junto com a cadeira em que estava sentado. (MARQUEZ, 2007, p. 53).

Para contrapor outro caminho de recepção nesta justaposição de realidades com a de José Arcadio Buendía, temos, também, a reação de introversão, de estupefação que tem

Aureliano Babilonia, filho de Amaranta Úrsula e Mauricio Babilonia, cujo filho, o último da linhagem dos Buendía, se vê marcado pelo inacreditável, pois nasce com o erro ancestral da primeira geração de sua família, concretizando, deste modo, a maldição de que duas pessoas da mesma família não poderiam ter filhos, caso os tivessem, nasceriam com alguma anomalia, no caso dos Buendía: um rabo de porco. Aureliano Babilonia já se vê imerso pelo seu passado e pelo desdobramento do fantástico, e fica paralisado pelo extraordinário destino de seu filho que estivera escrito nos pergaminhos do cigano Melquíades:

E então viu a criança. Era uma pelasca inchada e ressecada que todas as formigas do mundo iam arrastando trabalhosamente para os seus canais pelo caminho de pedras do jardim. Aureliano não conseguiu se mover. Não porque estivesse paralisado pelo horror, mas porque naquele instante prodigioso revelaram-se as chaves definitivas de Melquíades e viu a epígrafe dos pergaminhos perfeitamente ordenada no tempo e no espaço dos homens: “O primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último está sendo comido pelas formigas.” onde um operário saciava a sua luxúria com uma mulher que se entregava a ele por rebeldia. Estava tão absorto que também não sentiu a segunda arremetida do vento, cuja potência ciclônica arrancou das dobradiças as portas e as janelas, esfarelou o teto da galeria oriental e desprendeu os cimentos. (MARQUEZ, 2007, p.445)

Nota-se como a reação de Aureliano Babilonia nos mostra que está diante do fantástico, porque, na sua totalidade, mantém-se num estado compenetrado, ainda tentando absorver esta realidade cheia de vozes, sensações e imagens do passado. José Arcadio Buendía e Aureliano Babilonia mostram-se, dentro da história, justapostos no que concerne à recepção dos elementos relativamente improváveis, confluindo com o irreal, tornando-o uma manifestação própria de compreensão do mundo. Melhor dizendo: em relação a Aureliano Babilonia há um frisson, uma partícula explosiva do fantástico, mas não há no romance um questionamento sobre a veracidade do que acontece ou um argumento plausível para discutir a objetividade da existência do sobrenatural, pois tudo é concebido, visto e percebido como algo corriqueiro, pertencente à natureza, à essência humana, como observado por José Arcadio Buendía.

Macondo caminha para uma conciliação simbólica e fantasiosamente aceitável, cuja espontaneidade dos fenômenos leva-nos a apreciar, antes de qualquer pré-conceito, o poder de ser e significar do ser humano em contato com o mundo à sua volta. Assim,

em *Cem Anos de Solidão*, o que para nós é utópico, fantástico, para a vida da família latina em Macondo é um pó que será diluído no tempo e no espaço como forma de defesa deste universo inquestionável, escrito com a astúcia e criatividade de Gabriel Garcia Marquez. Embora o teor narrativo seja julgado como algo longínquo de nossa realidade terrena, de certo modo, aproxima-nos dos personagens da obra ao despertar em nós consonâncias e secretas afinidades:

Mesmo nos relatos fantásticos encontramos personagens em cuja realidade irresistivelmente acreditamos; atraí-nos neles, como nas pessoas de carne e osso, um amálgama sutil de elementos conhecidos e de misterioso destino. (CASARES, 2013, p.18)

Manter em equilíbrio entre o que é real e o que é maravilhoso nessa obra é a grande proeza de Gabriel Garcia Marquez, o verdadeiro contador de histórias que criou Macondo e seus habitantes com ajuda da memória, arquitetada com as histórias que ouvia quando era criança. Ao narrar por escrito as memórias constituídas pelas histórias ouvidas durante a sua infância, Gabriel Garcia Marquez recria a realidade com pinceladas do fantástico e mostra que na verdade o mundo do real é que é mágico e/ou fantástico, mantendo o objetivo central deste trabalho que é o de mostrar o fenômeno do realismo fantástico corrente no cotidiano da família colombiana, marcado pela concepção e visão dos dois personagens apresentados no início deste trabalho.

Esse realismo mágico presente na obra conta com os mistérios da superstição e da tecnologia que eram trazidas pelos ciganos, dentre eles Melquíades. Não devemos esquecer que em determinados pontos da obra de Garcia Marquez, os engenhos destealimentavam a fantasia dos habitantes do lugar, sobretudo, o de José Arcádio Buendía que, pode-se dizer, surge como porta voz da excitação e predileção do escritor colombiano pela imagística do mundo, pois, assim como o seu criador, acreditava piamente que a vida é um campo dotado de possibilidades, por isso era entusiasta das invenções daquela época:

José Arcádio Buendía, cuja desatada imaginação ia sempre mais longe que o engenho da natureza e até mesmo do milagre e da magia, pensou que era possível se servir daquela invenção inútil para desentranhar o ouro da terra. (MARQUEZ, 2007, p.05)

O Realismo Fantástico estende aos seus personagens fatos tido como surreais, mas que, são vistos como algo comum da cotidianidade dos habitantes de Macondo, outro fato que também ocorre diz respeito ao retrocesso do tempo, ou seja, o tempo fica completamente distorcido ou congelado e o presente sofre repetições, conferindo também um caráter do realismo fantástico, ressaltando o que Todorov diz sobre as situações de tempo. O autor afirma que, quando há hesitação diante de um fato fantástico o personagem está situado no tempo presente, já quando se fala no estranho o aquilo que não se pode explicar é colocado na linha de fatos conhecidos como uma experiência anterior tem-se aí o tempo passado e, o maravilhoso nos apresenta fatos desconhecidos, coisas nunca vistas, de futuro:

José Arcadio Buendía conversou com Prudencio Aguilar até o amanhecer. Poucas horas depois, devastado pela vigília, entrou na oficina de Aureliano e perguntou: “Que dia é hoje?” Aureliano respondeu que era terça-feira. “É o que eu pensava”, disse José Arcadio Buendía. “Mas de repente reparei que continua sendo segunda-feira, como ontem. Olha olha as paredes, olha as begônias. Hoje também é segunda-feira.” Acostumado com as suas esquisitices, Aureliano não lhe deu importância. No dia seguinte, quarta-feira, Arcadio Buendía voltou à oficina. “Isto é uma desgraça”, disse. “Olha o ar, ouve o zumbido dosol, igualzinho a anteontem. Hoje também é segunda-feira.” (MARQUEZ, 2007, p. 30)

Ao encontrarmos o personagem Aureliano Babilônia com os pergaminhos de Melquíades em mãos, percebemos que o último membro desta família está diante de um fato que, para José Arcadio Buendía seria mais um como tantos outros momentos considerados comuns, mas para Aureliano Babilônia, não; Aureliano é da parte da família que utiliza mais os engenhos da mente que da força física em si. Ao se deparar com o seu próprio destino escrito pelo cigano Melquíades no momento que o decifrava – pois estava escrito em sânscrito –, Aureliano Babilônia para e reflete como se o documento tivesse a força do reflexo de um espelho, a revelar quem seria ele e o que viria depois dele.

Desta forma, o personagem da narrativa quebra o paradigma da contenção dos fatos tidos como algo natural da estrutura cotidiana da família residente na aldeia de Macondo. Essa quebra se dá a partir do momento da reflexão de Aureliano Babilônia

frente aos fenômenos considerados fantásticos e/ou mágicos. O que ocorre é umintercruzamento de vozes e imagens que, ao contato com o mundo idealizado por Garcia Marquez, faz comque o personagem se veja desconstruído e fragmentado pela explosão do fantasioso que cerca as gerações da família Buendía há anos. Nota-se a inclinação do escritor em inundar a experiência dos personagens com o inacreditável sobre toda a obra, revelando a astúcia da memória em arquitetar as narrativas oriundas da sua infância e que foram transmitidas por um membro de grande valor para este escritor, a sua avó.

A literatura supracitada aqui desperta àquele leitor, o qual se permite conduzirpela linguagem imagística e pela inconstância de suas imagens, o possível debruçar em ações que inquietam e perpetuam a emoção e o deslumbramento; tornando-se, deste modo, uma máquina narrativa que ecoa e explode as conjecturas da normalidade.Considera-se dentro do pensar acerca das sensações e dos desdobramentos dos personagens em *Cem Anos de Solidão*, um sentido capitado pela colisão imagética do olhar,o que acaba por conferir uma florescência literária, um hiato no que concerne à comunhão do universo com a ressignificação da experiência obtida pelos momentos fixados no real imaginário.

Assim, o objetivo central do trabalho está comprometido com os comportamentos dos personagens diante de fatos considerados fantásticos, o que aqui seatenta não estámais voltado para se pensar a visão do leitor acercado teonarrativo da obra e sim, entender como os personagens lidam com estes fatos que fazem parte da aldeia que habitam, mas que são recepcionadoscada um à sua maneira, neste caso, à maneira de José ArcadioBuendía e Aureliano Babilonia.Portanto, interessa-nos não mais a explicação de um fato na história, mas a forma como esse fato se manifesta em si e à vida dos personagens.

Referências Bibliográficas

CASARES, Adolfo Bioy; BORGES, Jorge Luis; OCAMPO, Silvina [org.]. *Antologia da Literatura Fantástica*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CARPENTIER, Alejo. *El Reino deste Mundo*. Disponível em: <http://lahaine.org>. Acesso em: 10 de setembro de 2014.

FURTADO, Filipe, *A Construção do Fantástico na Narrativa*. Lisboa: LivrosHorizonte, 1980.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. *Cem Anos de Solidão*. Tradução de Eliane Zagury – 48ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007

PAZ, Octavio. *O Arco e Lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

